



Crônica da Cidade

RICARDO DAEHN | ricardodaehn.df@dabr.com.br

Festejo incendiário

Desmerecido, em vida, entre os bicos profissionais e os dos filhos, que, por pouco, não batucavam nos pratos, vez por outra, vazios, o velho brigadista Manoel deixara um tesouro para a filha Naiara: o rádio de pilha que, por décadas, grudara em busca das vitórias para o descredito do fôis Sport Club. O pavio curto da filha, sempre expansiva e versada em berrar pelos corredores da Feira da Torre de TV, parecia refletir o avesso do sereno Manoel, ausente há sete viradas de ano. As jornadas excessivas da temporada de fim de ano traziam pouca energia

para a batalhadora vendedora sempre apegada ao ritual de se informar, engrossando a audiência do rádio comprado ainda à época dos cruzeiros. Foi nessas ondas que, em agosto, Naira soube da atrocidade transcorrida na Praça dos Orixás: Ogum teve a escultura queimada, num gritante vandalismo. O infortúnio para a imobilizada estátua, de certa forma, trazia um incômodo paralelo junto aos brasileiros aquietados, em 2021, pela pandemia e por provocações como a das jornadas estratosféricas dos preços da gasolina, do gás e da energia.

Num cálculo básico, as resoluções de fim de ano de Naiara já tinham saldo estabelecido a conta-gotas: integrante de um dos 300 terreiros registrados na capital, ela, entre banhos de ervas, investia nos recursos da lei. A intolerância frente às religiões afro-brasileiras contava com

apoio de delegacia especializada e, na lei, “todos eram obrigados a ser feliz” — com penalização prevista de seis anos de prisão para os intolerantes incendiários. Daí, o ativismo e a mobilização comunitária de Naiara terem surtido relativo efeito: instâncias do governo foram chamadas à responsabilidade de vigilância e conservação de patrimônios culturais, como era o caso da Prainha.

Na reconsideração da memória, com alegria, em Naiara palpitava o respeito ao tempo de esclarecimentos do pai Manoel, sábio, ao investir na formação religiosa da menina, encantada pelas saias rodadas e as imagens sagradas de pretos que, com a doçura da infância, lhe remetiam a fabulações no universo das bonecas com as quais lidava. Nos curtos intervalos da jornada na feira, era dessas lembranças que, às vésperas de mais

um ano novo, Naiara reiterava a crença em dias melhores. No fundo, para 2022, ansiava por consulta pública que revalidasse votos, num tanto faz de urna, fosse eletrônica ou na base do papel.

Já em casa, no Recanto das Emas, de banho tomado e protegida do assédio capitalista e imensurável dos afoitos clientes da barraca de número 22, Naiara, à la cuco, de hora em hora, comparecia à janela, renitente a novas perspectivas capazes de reacender um espírito de luta. Partidária da solidariedade nas visitas aos vizinhos algo desassistidos, ela continha o sorriso até sardônico, ao entoar, mentalmente, trecho da genialidade do amado Renato Russo que “sempre dizia que o seu ministro ia ajudar”.

A felicidade até que era constante no cotidiano da vendedora de artesanato que sabia batalhar, mas sofria com o

desencanto de não ver tantos esforços pessoais recompensados. Mas como brasileira — que teimava em não desistir —, Naiara trazia para si a responsabilidade nunca vista em governos e desgovernos. Na base da cooperação de quem vive a coletividade, criava para si uma rede de presença: era presente desde a entrega de marmitas (no auge da pandemia) até o recolhimento de retalhos de tecidos transformados em cobertores para terceiros.

Foi na expectativa de abrir caminhos para a recuperação da estátua da Prainha, emperrada nas burocracias dos papéis, que a impulsiva Naiara acendeu um incenso gabaritado para celebrar a presença de Ogum, o protetor dos ferreiros e artesãos. Ao descuido governamental com a Praça dos Orixás, o papel de Naiara e de outras adeptas era o de promover a ocupação do local.

DESPEDIDA

A despedida de um pioneiro

Amigos e familiares dizem adeus ao jornalista Marco Antônio Dias Pontes. Velório será hoje, no Campo da Esperança

» *CARLOS SILVA

“Lave”, “de fino trato e alta responsabilidade social”. É assim que Jorge Cavalcante, um dos grandes amigos de Marco Antônio Dias Pontes descreve o jornalista e pioneiro de Brasília falecido na terça-feira, aos 80 anos. O velório será hoje, no cemitério Campo da Esperança, na Asa Sul. A cerimônia vai das 9h às 11h, na Capela 6.

O jornalista estava internado no Hospital Brasília (Lago Sul) onde retirou um tumor no intestino, descoberto no início de dezembro. Infelizmente, após o procedimento ele desenvolveu um quadro de pneumonia e infecção abdominal — que causou um choque séptico. Marco Antônio Dias Pontes foi casado duas vezes e deixa cinco filhos.

Natural de Rio Novo, em Minas Gerais, ainda jovem foi estudar em outra cidade mineira, Juiz de Fora. Lá, se formou em Filosofia. Após a graduação, se mudou para Brasília e fez mestrado em Economia. Apesar da formação, foi como jornalista que Marco Antônio trilhou sua carreira profissional, com

atuações no Diário de Brasília, em meados de 1971, e como colunista no Jornal da Comunidade, esta última mantida até o fim da vida. Os textos eram enviados regularmente por e-mail para uma lista de contatos.

Marco Antônio Dias Pontes também atuou no serviço público. Foi durante o período como técnico de planejamento e pesquisa no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), por volta de 1974, que ele conheceu o amigo Jorge Cavalcante. “Marco era uma pessoa leve. Me acompanhou em vários lugares”, relembra Cavalcante. Depois do Ipea, eles ainda atuaram juntos no Ministério da Educação e na assessoria do gabinete civil da presidência da república, durante o governo José Sarney.

Murilo de Avellar Hingel, que foi Ministro de Estado da Educação e do Desporto entre 1992 e 1995, qualificou o jornalista como “grande cidadão, de excelente caráter e com posições políticas progressistas”.

O ex-ministro lembrou da atuação de Marco na Secretaria de Projetos Educacionais Especiais. “Lamento sua perda como amigo e admirador. Sentiremos falta, como seus leitores, de sua

Arquivo pessoal



Dedicado aos filhos, Marco Antônio era um apaixonado pela informação e pelo jornalismo

constante defesa da Democracia no Brasil”, destacou.

Além da carreira profissional, Marco Antônio Dias Pontes era

afetuoso na vida pessoal. “Tratava todas as pessoas com muita cortesia e muito carinho. Era extremamente gentil”, recorda a

filha Usha Velasco. Ela também conta do gosto do pai por literatura, arte e música. “Quando eu era pequena, ele nos levava à sala

Villa-Lobos, do Teatro Nacional, para ver o Concerto da Juventude”.

Outra paixão do jornalista era Brasília e o cerrado. A filha Taíssia Velasco lembra dos momentos em que o pai explicava sobre plantas que cultivava em casa. “A gente tinha um quintal muito grande. Ele e minha mãe plantaram várias árvores frutíferas. Enquanto o gente andava colhendo as frutas, ele me explicava sobre cada planta e o processo pelo qual elas passavam”, narra.

A dedicação aos filhos é o principal legado deixado pelo pioneiro. De acordo com pessoas próximas, o jornalista era “uma enciclopédia ambulante”, conhecimento que passou adiante. O amigo Jorge Cavalcante sintetiza o legado de Marco Antônio Dias Pontes em uma frase. “A educação dos filhos é seu grande legado. Pessoas muito bem formadas. É o que todos deveriam deixar”, descreve.

A despedida final ao amigo será amanhã, quando o corpo será cremado no Jardim Metropolitano em Valparaíso (GO), às 11h.

* Estagiário sob a supervisão de Juliana Oliveira

RELIGIOSIDADE

Relíquia de São Pio chega a Brasília sob comoção

» ARTHUR DE SOUZA

A Paróquia de São Pio de Pietrelcina, localizada no Sudoeste, recebeu ontem a relíquia da luva do padroeiro, utilizada para esconder os estigmas que o santo italiano carregava em seu corpo. O objeto esteve exposto para contemplação durante duas missas realizadas na paróquia.

A apresentação ocorreu durante a primeira celebração, iniciada às 16h, e emocionou os fiéis que estavam no local. O padre Fernando Sousa, clérigo da Paróquia e co-responsável pela missa junto ao frei Severino

Pinheiro, acompanhou a luva durante a entrada.

O pároco destacou que o momento é muito importante para os fiéis em Brasília. “Com esta relíquia, por mais que esteja de passagem, chegam muitas bênçãos para nossa paróquia certamente”, concluiu o sacerdote.

Frei Severino ressaltou que estas relíquias constituem uma graça divina e que Deus decidiu abençoar a paróquia com a passagem da luva. “A gente tem consciência de que realmente é uma graça divina, sobretudo para os irmãos que aqui se encontram para a celebração”, afirmou o frei.

Carlos Vieira/CB/DA Press



Fiéis celebram a passagem da relíquia religiosa por Brasília

Nascido em 1887, Padre Pio de Pietrelcina foi um religioso franciscano que ficou conhecido pela vida espiritual fervorosa e por praticar a caridade.

Fé e emoção

A professora aposentada Filomena Ribeiro, 60 anos, é moradora de Águas Lindas de Goiás

e esteve na missa das 16h para prestigiar a relíquia. A devoção dela pelo Padre Pio começou depois que ela descobriu a história do sacerdote.

Filomena foi à celebração em busca de uma graça para curar um problema na pele. Segundo ela, esta seria apenas mais uma bênção concedida por Padre Pio. A professora afirma que sempre é atendida pelo santo quando faz um pedido.

Entre lágrimas, Filomena contou a história de sua cadelinha Formiga. “Ela acabou ficando doente e internada no veterinário e, quando vim na Paróquia rezar pela sua cura, ela foi melhorando aos poucos e logo ficou boa”, disse.

Filomena também disse que se sente bastante emocionada por estar vendo uma relíquia do Padre Pio de perto e que pretende

ir até San Giovanni Rotondo, no sul da Itália, para visitar o corpo exumado do santo italiano.

Participante das atividades da Paróquia de São Pio de Pietrelcina, o engenheiro civil Eduardo Ávila, 64, acredita que receber a luva de São Pio é muito importante para a paróquia. “É algo que pertence ao santo que temos uma estima muito forte, pelo que ele foi, pelo exemplo que ele é e pela intercessão que ele tem junto a todos nós”, ressaltou.

Larissa Abad, 39, que atua como ministra da eucaristia na paróquia, comentou sobre como a luva acabou vindo para Brasília. “O Padre Fernando disse, durante uma missa, que uma paróquia na teve contato com o Frei Severino, soube que ele traria a relíquia para a região Nordeste do Brasil e o convenceu a trazê-la também para a nossa paróquia”, concluiu.

Obituario

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 29 de dezembro de 2021.

» Cemitério Campo da Esperança

Carlito Alves Rodrigues, 79 anos
Célio Antônio Lopes, 65 anos
Dora Bemfica da Silva, 87 anos
Eudy Ferreira Manso, 64 anos
Gabrielle Carolyne Paranhos, 28 anos
João Lino de Oliveira, 55 anos
José Barros da Silva, 80 anos
José Inácio de Medeiros, 89 anos

José Ronaldo Mendonça e Motta, 82 anos
Josefa Soares da Silva, 73 anos
Maria do Socorro Veras, 88 anos
Maria Eunice Carneiro, 76 anos
Mylaine Teixeira de Rezende, 54 anos
Nelson Pereira de Matos, 86 anos
Zuleide Maria Duarte, 55 anos

» Brazlândia

Arlindo Joaquim Lopes, 55 anos

Elenita Antunes Correia, 76 anos

» Planaltina

Claudionor Ferreira da Silva, 82 anos

Cátia Regina Sales, 44 anos
Helena Freire Dias, menos de 1 ano
José João Pinto, 70 anos
Maria Patrício Coutinho Lemo, 76 anos
Nelson do Couto Augusto, 64 anos

» Taguatinga

Alcionice Rocha Bandeira, 74 anos
Angelo Miguel José de Oliveira, menos de 1 ano

Antônio Gomes da Silva, 69 anos
Domingos Ferreira Teles, 73 anos
Francisco Xavier de Araújo, 88 anos
Gerson Gonçalves da Silva, 26 anos
João Batista Filho, 54 anos
Joaquim Missias da Silva, 60 anos
Luzia do Nascimento Silva, 87 anos
Marcelo Costa Machado, 49 anos

Maria de Lourdes Alves Gomes, 64 anos
Tereza Cardoso de Oliveira, 77 anos
Valdileia Maria Bicalho Barbosa, 48 anos
Wanderson Rodrigues de Lima, 48 anos

» Jardim Metropolitano

Maurilio Maciel Rodrigues, 89 anos (cremação)